

Cultura Popular e Turismo¹

Marielys Siqueira Bueno²
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

A cultura popular representa uma participação simbólica e criativa no movimento social e veicula, através do imaginário coletivo, valores que geram sentido nas suas relações sociais. A sua importância é consagrada principalmente por oferecer amparo cultural e emocional à população. A modernidade, com a fragmentação do espaço urbano, com a modernização dos meios de comunicação e a cultura de massas que promove uma certa alienação da essência da cultura, entre outros fatores, é apontada como uma ameaça para as manifestações populares. No entanto, a influência mais polêmica é a do turismo, pois essas manifestações populares atraem um interesse crescente para as atividades turísticas. O que está em jogo é a questão da mercantilização e da espetacularização. No entanto, o turismo é apontado, também, como uma atividade que tem permitido preservar e estimular essas atividades culturais.

Palavras-chave: Cultura popular; Turismo

Ecléa Bosi (1991) já apontou a dificuldade de definir ‘cultura popular’ e Chartier (p. 179, 1995), fazendo uma avaliação das múltiplas definições, diz que elas podem ser agrupadas em dois modelos de interpretação. “O primeiro concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência de relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dominante”.

Independentemente de se perceber a cultura popular como um mundo ‘encerrado em si mesmo’ ou ‘em relações com a cultura dominante’, o que importa é a maneira como as manifestações da cultura popular qualificam, utilizam e interpretam a cultura envolvente, ou seja, como é posto em relevo o movimento e as relações sociais num percurso gerativo de sentido pois é da teia de relações que emerge o sentido social.

Muito já foi investigado sobre cultura popular – seu papel, sua função, sua dinâmica, seu duplo caráter – conservador e criativo/inovador. As manifestações da cultura popular têm sua importância consagrada principalmente pelo fato, apontado por Ecléa Bosi, de oferecer

¹ Trabalho apresentado ao GT 04 “O legado cultural como atrativo e a responsabilidade do turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul - Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Diplomada em *Études Approfondies en Anthropologie Sociale* e em *Études Approfondies en Cinéma Anthropologique*, pela Sorbonne, na França. Doutora em Sociologia pela USP, Mestra em Antropologia pela UFGO, além de Pedagoga. Efetuou

amparo cultural e emocional à população. Portanto, é importante identificar os fatores que enfraquecem, empobrecem e desagregam as manifestações culturais. Segundo Ecléa Bosi (1991, p. 65) “os prejuízos que daí advém afetam a segurança subjetiva do homem que se reduz de seu papel criador e renovador da cultura para o de consumidor”.

A modernidade trouxe, junto com o florescimento individual, uma perda das antigas relações comunitárias devido a uma fragmentação dos espaços urbanos e a um diferenciamento crescente de atividades. Aponta-se, também, para os efeitos da cultura de massa, constituída de produtos da indústria cultural e que se destinam à sociedade de consumo que, por homogeneizar seus produtos, promovem uma certa alienação da essência da cultura.

Por essas e outras razões, se diz que existe, sem dúvida, uma forte relação entre as inovações devido à modernidade e ao enfraquecimento das diferentes manifestações populares, pois estas são, no dizer de Chartier (1995, p.179) “sustentadas por uma cumplicidade entre criadores e o público”.

Através dessas relações intrincadas e complexas, as manifestações da cultura popular possibilitam aos membros de uma comunidade uma convivialidade que quebra o isolamento engendrado pela modernidade e “quando não existe um todo social no qual o indivíduo possa participar e se sentir como parte dele, faltará a seiva que nutre sua identidade” (Bosi, 1991, p.66)

As manifestações culturais veiculam as secretas correspondências entre o real e o imaginário ou, dito de outra forma, revelam um social mediado pelo imaginário.

Mas, a despeito das influências urbanas, da modernidade, da globalização, dos meios de comunicação de massa, enfim, todos os aspectos apontados como ameaçadores para as atividades da cultura popular, ou talvez por causa delas, observa-se, paralelamente, uma tendência para a preservação dos valores culturais e ambientais.

Isso se deve, sobretudo, ao turismo, pois a preservação dessas manifestações abre um campo enorme a ser incorporado nas suas atividades e, dessa forma, o patrimônio da cultura passa a cumprir um papel econômico e social.

Dentre as manifestações da cultura popular, as festas tradicionais, folclóricas e religiosas típicas de uma comunidade atraem um interesse crescente nas atividades turísticas.

Atualmente, em diferentes regiões do Brasil, graças ao turismo, as festas evoluíram em direção a uma representação elaborada, complexa e, em alguns casos, luxuosa. Como mostra Susana Gastal (2005, p.26) “a espetacularização em termos de visualidade presente em

praticamente todos os momentos da vida contemporânea leva a que a nova sociedade de consumo assuma, cada vez mais, uma dimensão estética”.

Nesse novo formato ‘espetáculo’, a organização da festa, em função do acréscimo de outros participantes e outros assistentes, exige um planejamento que requer múltiplos talentos, gerando um tecido de atividades sociais criativas, uma convivialidade e uma solidariedade em diferentes níveis de participação. O núcleo tradicional das festas ganha, por esse processo, meios de expressão de maior amplitude. Tudo isso vai permitir falar mais vigorosamente de sua história, de redinamizar seu imaginário e fazer renascer valores esquecidos. E, por causa delas, pequenas cidades desconhecidas ganharam notoriedade que favoreceu a construção ou fortalecimento de uma identidade regional.

Essas festas se tornaram eventos de proporção nacional e as cidades onde se realizam essas festas tornam-se ‘palcos’ onde aspectos importantes da cultura são encenados, criando momentos alegres, acolhedores, verdadeiros antídotos da tendência acentuada da modernidade em suprimir os laços sociais.

Apesar desses aspectos positivos há, entre alguns estudiosos desse fenômeno, uma preocupação crescente quanto às conseqüências da expansão dessas festas e o aumento de visitantes decorrentes de seu sucesso. O que é colocado em discussão é a oposição entre divertimento popular e espetáculo – a mercantilização e a espetacularização das festas.

Para exemplificar essa polêmica focalizaremos as mudanças provocadas por duas festas brasileiras que ganharam notoriedade nacional e são realizadas em cidades pequenas e distantes do circuito turísticos e comercial.

A festa do Boi-Bumbá de Parintins. Ocorre em uma pequena ilha situada no rio Amazonas e é uma variante espetacular de um tema folclórico muito conhecido no norte e nordeste do Brasil.

Mas em Parintins apareceu, nessa manifestação do boi-bumbá, um caráter competitivo entre dois bois – denominados Garantido e Caprichoso. É uma competição acirrada que dividiu a cidade e provocou, de certa forma, o crescimento dessa festa e a sua notoriedade.

A festa, originariamente um jogo de rua, se apresenta hoje num estádio com a capacidade para 35.000 lugares construídos especialmente para sediá-la. Cada grupo contando com 4 a 5.000 figurantes cria um espetáculo, uma fantasmagoria que dura três dias, com uma apresentação de duas horas, diferente a cada dia.

Essas representações valorizam a cultura indígena e cabocla que, antes, era desvalorizada pela história oficial.

Pela sua complexidade técnica crescente, pelas invenções cenográficas, pelo gigantismo das alegorias, pelos efeitos de luz etc, o festival adquiriu uma dimensão comparável as desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro – fato extraordinário, se considerarmos das dimensões da cidade o grau de isolamento da ilha. Aliás, foi o carnaval carioca que criou essa nova concepção de espaço destinado aos grandes espetáculos de massa e que, mais tarde, se propagou para outras manifestações populares.

Tudo que se pode ler e ouvir e todas as imagens que se pode ver não são capazes de transmitir a efervescência da festa, sua monumentalidade e suas criações feéricas.

Ao amanhecer, a cidade entra em ebulição. As embarcações típicas da Amazônia procuram lugar para acostar. As ruas se transformam e, num piscar de olhos, as barracas se instalam com produtos os mais variados. A partir desse momento a cidade se transforma num cenário onde milhares de turistas passeiam, dançam e compram objetos artesanais, sucos de frutas afrodisíacas, pratos típicos propostos pelas barracas. Bicicletas, transformadas em ‘taxi’, compartilham o espaço com os pedestres.

A expansão dessas festas, criando novas significações em relação à tradição, determinam, evidentemente, modificações importantes na vida dos habitantes.

Em relação a essas modificações temos, de um lado, um grupo que faz severas críticas ao festival e, em oposição, todos os que mostram as vantagens do mesmo. As tentativas de avaliação não são confiáveis porque os pontos negativos e os pontos positivos não são imediatamente tangíveis.

Os nostálgicos lembram, com pesar, o tempo dos jogos de rua e responsabilizam o sucesso da festa pelo enfraquecimento de outras manifestações folclóricas, afirmando, que as figuras que representavam a dramatização do boi ficaram apagadas diante do brilho das alegorias gigantes. Os pais se inquietam por seus filhos, pois os vêem ameaçados pelos turistas, pelas drogas – é um momento de exacerbação geral - consumação de álcool, de drogas...

Há, ainda, uma outra acusação: o dinheiro que circula em Parintins se concentra na despesa ligada ao festival, o que privilegia o efêmero em detrimento de bens duráveis.

Mas outros dizem que o aspecto mercantil desses festivais traz uma valorização geral e são maiores os benefícios que as desvantagens: aperfeiçoamento da infra-estrutura urbana, aumento da renda dos habitantes, embelezamento da cidade, estabilização das margens do rio Amazonas, a construção do aeroporto, instalação de um sistema telefônico mais eficiente para atender o número crescente de turistas etc. e, principalmente, porque esse aspecto mercantil está associado a uma processo de quebra do isolamento da região. Esses melhoramentos estruturais colocaram a cidade no circuito comercial e turístico em geral.

Para atender ao aumento de turistas, o governo estadual lançou o programa “Cama e Café” para permitir que pessoas adaptassem suas residências, fazendo melhorias e acrescentando quartos e banheiros para acolher visitantes. Os barcos que fazem linhas regulares para Manaus transformaram-se em verdadeiros hotéis fluviais.

Navios de cruzeiros internacionais trazem turistas estrangeiros para os quais são feitas apresentações especiais dos bumbas quando chegam fora da temporada do festival.

A mercantilização da cultura popular está associada a um processo de valorização regional, por isso o boi tem fortalecido o orgulho da população. Para Odineia Andrade, membro do Conselho de Arte no boi-bumbá Caprichoso, “o boi tem contribuído para o despertar o fortalecimento da cultura parintinense. Os bois despertaram esse sentimento nativista que estava adormecido”. Diz não ser contra os acréscimos e a modernização do festival, pois acredita que “tradição e modernidade devem caminhar juntas”.

Marcos Santos, descendente do fundador do Caprichoso, falando sobre a festa diz: “isso enche a gente de orgulho, é uma coisa de arrepiar. É gostoso de se ouvir que a terra da gente, o país da gente está sendo lembrado fora daqui, pois a gente é quase sempre lembrado por causa da miséria e das dificuldades”.

Uma outra festa que apresenta esse processo de expansão de suas manifestações populares é a Cavalhada de Pirenópolis.

A Cavalhada propriamente dita é a evocação da luta entre os cristãos e os mouros inserida na Festa do Divino e se realiza, anualmente, cinquenta dias após a Páscoa

Pirenópolis é uma pequena cidade no interior do estado de Goiás. Foi fundada em 1727 em função da exploração das ricas minas de ouro da região. Rapidamente as minas se esgotaram e para a cidade só restou o comércio e a agricultura.

Essa cidade ganhou um novo impulso com a criação de Brasília e sua classificação como monumento histórico – é uma cidade com potencial turístico e ecológico. Mas ela é conhecida principalmente por causa da festa da Cavalhada, momento em que o número de visitantes dobra a população da cidade.

Se a Cavalhada propriamente dita dura três dias, a festa, no seu conjunto, dura 10 dias e sua preparação quase o ano todo.

Realizada desde 1819, a Cavalhada é uma festa de inspiração religiosa e a ela foram acrescentadas numerosas manifestações profanas, o que provoca alguns conflitos com as autoridades religiosas.

A motivação de Parintins é a competição e a motivação da Cavallhada é a fé religiosa. Todos chamam a festa de Cavallhada mas o verdadeiro nome é “festa do Divino”, o que mostra bem sua origem religiosa e a motivação particular das pessoas para a sua preparação.

A festa de Pirenópolis também vem aumentando. Para receber o número crescente de turistas algumas casas foram reformadas para assegurar a instalação do “Bread and Breakfast”. As numerosas pousadas construídas asseguram permanência e a recepção de turistas durante todo ano.

Os artesãos confeccionam artigos ricos e variados, as doceiras oferecem as especialidades da região, as rendeiras, hábeis, se revezam na confecção das roupas cada vez mais luxuosas dos cavaleiros e para os ornamentos dos cavalos. Os bares, cafés e restaurantes se aperfeiçoam e se decoram – a cidade se torna brilhante, viva e seus habitantes ficam orgulhosos de tudo isso. Muitos aprovam as modificações ligadas à presença do número crescente de turistas, mas não faltam críticas. Os antigos habitantes se sentem invadidos; eles temem a intensificação do aspecto profano da festa; as novenas são perturbadas pelo barulho dos turistas nas ruas, o que os faz parecer pessoas que desrespeitam a religião.

Para terminar:

Certas festas populares brasileiras se transformaram em atividade lucrativa – isso gerou aprovações e críticas

É inevitável que essas festas se atualizem na medida em que incorporam técnicas que a modernidade oferece. É inevitável, também, principalmente pela força do movimento turístico, que cresça o fluxo de visitantes. Devemos considerar, no entanto, que embora a modernização da sociedade tenha se aprofundado e que as diversas modalidades de comunicação tenham padronizado muitos códigos e símbolos através da cultura de massa, é notável perceber que a cultura popular, especialmente através de seus festejos, revela uma extraordinária vitalidade.

Com o turismo as festas populares ganharam elementos inovadores e recuperaram o espaço público para as atividades criativas.

A importância da sua preparação e o orgulho do resultado predispõem as pessoas ao acolhimento e, além disso, permite a esses grupos de habitantes se exporem ao exterior de modo positivo – é uma maneira de existir com relação a eles mesmo e ao mundo fora da dominação política, econômica ou religiosa.

O aspecto polêmico dessas modificações, dessas incorporações em função da presença do turista não está verdadeiramente ligado à presença do turista, da mercantilização ou espetacularização. A cultura popular e suas manifestações estarão ameaçadas somente na

medida em que houver interferência estranha ao grupo – quando o grupo não puder expressar seu imaginário – quando seus valores forem apropriados e expressos por elementos estranhos ao universo da comunidade.

Para avaliar o sentido e importância que essas modificações possam representar é preciso lembrar Hannah Arendt para quem “ação e discurso são as únicas formas de que os homens dispõem para mostrar ‘quem são’” (Ortega, p.26).

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis, Vozes, 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes da Viola**. Petrópolis, Vozes, 1981.

CHARTIER, Roger. **Cultura popular**: revisitando um conceito historiográfico. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 8, n.16, 1995.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo, Aleph, Coleção ABC do turismo, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1984

PIMENTEL, Ângelo César Brandão. **Parintins**: turismo e cultura. In Sonalu: Revista de Estudos Amazônicos, Ano II, n.2, Edição Especial, Manaus, Valer Editora, 2002.

VIEIRA FILHO, Raimundo D. **A festa do boi-bumbá em Parintins**: tradição e identidade cultural. In Sonalu. Revista de Estudos Amazônicos, Ano II, n.2, Edição Especial, Manaus, Valer Editora, 2002.